

**FATORES CONDICIONANTES À CONTINUIDADE DE MPE DA CIDADE DE
BOM DESPACHO/MG**

**FACTORS CONDITIONING TO THE CONTINUITY OF MPE OF THE CITY OF
BOM DESPACHO / MG**

**FACTORES CONDICIONANTES A LA CONTINUIDAD DE MPE DE LA CIUDAD DE BUENO
DESPACHO / MG**

Antônio Carlos Tavares

Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA

Gerente Geral da Caixa Econômica Federal - Posto da Justiça do Trabalho em Divinópolis-MG

Endereço: R. Pernambuco, n. 239, centro, CEP: 35.500-013. Divinópolis, MG, Brasil

Telefone: (37) 3216-2648

E-mail: antonio.c.tavaress@gmail.com

Poueri do Carmo Mário

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP)

Professor e Pesquisador do Mestrado Profissional em Administração do Centro Universitário UMA

Professor Associado da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Endereço: R. Pernambuco, n. 239, centro, CEP: 35.500-013. Divinópolis, MG, Brasil

Telefone: (37) 3216-2648

E-mail: poueri@gmail.com

Artigo recebido em 13/06/2018. Revisado por pares em 27/10/2018. Reformulado em 18/10/2018. Recomendado para publicação em 15/11/2018. Publicado em 28/12/2018. Avaliado pelo Sistema *double blind review*.



©Copyright 2008 UNISUL-PPGA/Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios. Todos os direitos reservados.

Permitida citação parcial, desde que identificada a fonte. Proibida a reprodução total.

RESUMO

A sobrevivência das micro e pequenas empresas (MPE) constitui tema de estudos e pesquisas mundiais, haja vista a relevância apresentada nas economias dos países, como geradoras de empregos. O objetivo desta pesquisa foi analisar os fatores condicionantes à continuidade das MPE da cidade de Bom Despacho/MG, conforme modelo de avaliação adaptado do SEBRAE. A metodologia baseou-se em método quantitativo, utilizou questionário aplicado aos gestores das empresas e observação não participativa. Os resultados indicam como fatores condicionantes do sucesso das MPE as habilidades gerenciais dos sócios, o bom conhecimento do mercado onde atuam, uso do capital próprio e reinvestimento dos lucros.

Palavras-chave: Micro e pequenas empresas (MPE); Gestão de Micro e pequenas empresas (MPE); Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

ABSTRACT

The survival of micro and small enterprises (SME) is a subject of worldwide studies and research, because of the relevance in the economies of the countries, creating a lot of jobs. The objective of this research was to analyze the factors conditioning the continuity of these enterprises especially at the city of Bom Despacho / MG, according to the SEBRAE adapted evaluation model. The methodology was based on a quantitative method, using a quiz applied to company managers and non-participatory observation. The results indicate that the managerial skills of the members, the knowledge of the market where they operate, the use of equity capital and the reinvestment of profits are factors that determine the success of these small companies.

Keywords: Micro and small enterprises (SMEs); Micro and Small Business Management (MPE); Brazilian Service for Support to Micro and Small Enterprises (SEBRAE).

RESUMEN

La supervivencia de las micro y pequeñas empresas constituye tema de estudios e investigaciones mundiales, teniendo en cuenta la relevancia presentada en las economías de los países, como generadoras de empleos. El objetivo de esta investigación fue analizar los factores condicionantes a la continuidad de las MPE de la ciudad de Bom Despacho / MG, conforme modelo de evaluación adaptado del SEBRAE. La metodología se basó en un método cuantitativo, utilizó cuestionario aplicado a los gestores de las empresas y observación no participativa. Los resultados indican como factores condicionantes del éxito de las MPE las habilidades gerenciales de los socios, el buen conocimiento del mercado donde actúan, uso del capital propio y la reinversión de las ganancias.

Palabras clave: Micro y pequeñas empresas (MPE); Gestión de Micro y pequeñas empresas (MPE); Servicio Brasileño de Apoyo a Micro y Pequeñas Empresas (SEBRAE).

1 INTRODUÇÃO

As micro e pequenas empresas (MPE) passaram a constar na pauta de discussão da economia mundial a partir do final do século XX, pelo fato de serem fundamentais para o crescimento econômico dos países e fontes geradoras de empregos e renda, propiciando, assim, melhores condições de vida à população (VIEIRA, 2007).

No Reino Unido as MPE também são as principais fontes geradoras de emprego e renda, o que fez e continua fazendo com que os formuladores de políticas públicas se voltem, cada vez mais, para esse segmento da economia, como alternativa para saírem da recessão econômica provocada pela crise de 2008, apesar da pouca atenção que a comunidade acadêmica apresente em examinar os efeitos dessa recessão sobre a atividade empresarial e a sustentabilidade das pequenas empresas (COWLING et al. 2015).

No contexto brasileiro, é importante salientar que, antes da estabilização da moeda, o modelo de gestão empresarial possuía uma visão de curto prazo, pois se convivia com imprevistos diversos, dentre os quais merecem destaque a variação dos preços e as condições instáveis do mercado. Com a globalização da economia uma nova realidade comercial emergiu e o Brasil se viu na obrigação de “abrir suas portas” para negociações com o restante do mundo. Alli, Winter e May (2007) dizem que este foi o fenômeno mais importante deste século, criando oportunidades para quem está preparado, porém, desafia normas e comportamentos estabelecidos e, não produz os mesmos resultados para os diferentes países, a exemplo do desemprego gerado no excedente da força agrícola rural na Índia.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), as empresas deste segmento são muito importantes na absorção de mão de obra incluindo desde profissionais em busca do primeiro emprego até os que já possuem experiência anterior e encontram nova oportunidade no mercado. Nessa perspectiva, tais organizações vêm dinamizando a economia de diversos municípios e mesmo de grandes metrópoles no Brasil. Conforme o sítio eletrônico do SEBRAE (2014) as MPE representam 20% do Produto Interno Bruto (PIB), o que significa R\$ 696 bilhões, absorvendo 60% dos 94 milhões de empregos no país e representando 99% dos seis milhões de estabelecimentos formais, sendo o setor preferencial o de comércio, seguido de serviços, indústria e

construção civil.

Estes são alguns pontos positivos das MPE que as podem levar a serem consideradas como um dos pilares da economia mundial e, merecerem políticas representativas capazes de encontrar estratégias que possibilitem o prolongamento do seu ciclo de vida.

Segundo Ortigara (2006), as chances de sucesso ou fracasso de uma empresa independem da possibilidade de criá-la. A abertura de uma empresa nem sempre está diretamente relacionada à sua continuidade e sobrevivência, fato que pode ser observado no Brasil, quando em um curto espaço de tempo ocorreu a criação de várias empresas desse porte, no entanto, poucas conquistaram a prosperidade e sobreviveram ao tempo. O autor chama a atenção para o fato de que o espírito aventureiro e a vontade de serem donos do próprio negócio incentivam as pessoas ao empreendedorismo. Entretanto, a sobrevivência dos empreendimentos depende da gestão adotada.

Tal sobrevivência é influenciada pelo fenômeno da globalização da economia o qual possibilita às empresas promover o comércio mundial de maneira mais fácil. O resultado dessa mobilidade, cada vez maior, é que o escopo do mercado financeiro e de capitais implica em regulamentações mais flexíveis em matéria de investimento direto estrangeiro, fazendo com que as multinacionais dominem, como nunca, o ambiente internacional de negócios (ALLI; WINTER; MAY, 2007). Os autores salientam que o fenômeno da globalização propicia oportunidades para os bem preparados. As empresas que aprendem a operar em ambientes mais complexos e incertos são as mais propensas a ter sucesso.

Estudo em 2006 já indicava a propensão das empresas mais jovens em se preocupar mais com a sobrevivência do que com o crescimento, em seus primeiros anos de formação (COWLING et al., 2015).

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi analisar quais são os fatores condicionantes à continuidade e sobrevivência das MPE. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem quantitativa, do tipo descritiva, com os gestores de MPE da cidade de Bom Despacho/MG, conforme modelo de avaliação sugerido pelo SEBRAE (2013), visando a identificação de práticas de gestão. A coleta de dados foi efetuada por meio de questionários apresentados aos gestores das empresas pesquisadas e, posteriormente,

submetidos à análise estatística.

O presente artigo se compõe de cinco partes. Além desta introdução, tem-se o referencial teórico, a metodologia, as análises de resultados e uma conclusão.

2 IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO MUNDO

As sociedades modernas tiveram sua base econômica na Revolução Industrial a partir do século XIX. O trabalho nas fábricas e em outras empresas promoveu o desenvolvimento de forças produtivas e de conhecimento, provocando transformações nas organizações, cujo conjunto foi denominado modernização. As unidades sociais artificiais que se constituíram como modelo dominante, como as organizações políticas, religiosas, comerciais, industriais passaram a representar a nova tendência (GOULART, 2013).

Segundo Goulart (2013) o termo organização comporta dois significados, quais sejam: um que significa conjuntos práticos, como sendo as fábricas, sindicatos, escolas, bancos, coletividades que perseguem objetivos como a produção de bens, a formação de pessoas, entre outros, e o segundo que concebe a noção de organização como certas condutas sociais, processos sociais para organizar atividades diversas ou, mobilizar os meios para atingir objetivos coletivos.

Na concepção de Maximiano (2008) as organizações são grupos sociais que buscam deliberadamente realizar objetivos, sendo o principal o fornecimento de alguma combinação de produtos e serviços.

A prosperidade de uma organização pressupõe estar focada em uma gestão eficiente e eficaz o que contribui de modo significativo para o melhor desempenho dos resultados e garantia de sua competitividade. Quanto melhor gerenciados forem os processos dentro de uma organização, maior contributo tende a oportunizar na obtenção dos benefícios e resultados planejados.

Assim, para avaliar a eficiência da gestão, as organizações utilizam do conceito de produtividade que se refere à relação entre os recursos utilizados e os resultados obtidos. Basicamente, seria a ideia de que entre dois sistemas produtores de resultados iguais, o mais produtivo é aquele que consome menos recursos, assim a produtividade aumenta quando se

obtem os mesmos resultados com a diminuição de recursos (MAXIMIANO, 2008).

A competitividade é da natureza das empresas, pelo fato de disputarem a preferência dos clientes, concorrem entre si, venderem os mesmos produtos, sendo mais competitiva a que consegue conquistar o maior número de clientes e desse lucro sobreviver. Significa que, nessa concorrência, uma empresa precisa apresentar desempenho melhor do que outra na disputa pelos mesmos clientes ou demonstrar possuir vantagem sobre seus concorrentes. Qualquer singularidade na empresa seria percebida pelos clientes neste relacionamento.

A sobrevivência empresarial pressupõe, para alguns autores, a empresa ser alicerçada em uma boa gestão dos processos organizacionais e em produtividade. Castells (1993) lembra que a produtividade sempre foi responsável por impulsionar o progresso econômico, sendo a economia informacional a grande responsável pelo aumento dessa produtividade ao longo do tempo. Para o autor, as empresas buscam, em primeiro lugar, a lucratividade, mas, alerta que esta somente é conseguida através da produtividade. Conclui o autor que a tecnologia e a riqueza das nações constituem, em longo prazo, os principais indutores da sobrevivência das empresas, sendo considerados fatores que ainda fazem parte do ideal das empresas.

Fato é que se analisadas em separado as MPE apresentam certa inexpressividade para a economia, mas, se estudadas em conjunto constituem uma força econômica considerável, seja pela participação no produto interno bruto (PIB) dos países, seja pela efetiva geração de empregos, seja pela expressividade representada na comercialização de bens e serviços ou ainda pela satisfação de necessidades básicas dos trabalhadores.

No Brasil, as MPE estão entre as principais fontes geradoras de riqueza do comércio representando 53,4% do PIB deste setor. Relativamente ao PIB da indústria apura-se a participação das MPE em 22,5%, bem próximo das médias empresas (24,5%). No setor de serviços mais de um terço, 36,3% do PIB tem origem nas micro e pequenas empresas (SEBRAE, 2014).

A representatividade dessas organizações na economia nacional é comprovada por dados do SEBRAE (2014) no período de 2009 a 2011:

- Setor de Serviços: as MPE geraram 36,3% do total do valor adicionado do setor; representavam 98,1% do número de empresas; empregaram 43,5% dos trabalhadores; e pagaram 27,8% das remunerações de empregados no período;
- Setor de Comércio: as MPE geraram 53,4% do total do valor adicionado do setor; representavam 99,2% do número de empresas; empregaram 69,5% dos trabalhadores do setor; e pagaram 49,7% das remunerações dos empregados no período;
- Setor Industrial: as MPE geraram 22,5% do total do valor adicionado do setor; representavam 95,5% do número de empresas; empregaram 42% do pessoal ocupado no setor e pagaram 25,7% das remunerações dos empregados no período.

Os resultados gerados pelas MPE realçam sua importância para a economia tanto no Brasil quanto nos países mais desenvolvidos do mundo. Segundo Vieira (2007), pesquisas realizadas no país têm demonstrado que a contribuição dessas empresas é constatada na realidade cotidiana, confirmando seu papel quanto à geração de empregos, a comercialização de bens e serviços e ainda a satisfação de necessidades básicas dos trabalhadores.

Figueiredo (2012) menciona que os pequenos negócios representam no Brasil, nos Estados Unidos da América (EUA) e na União Europeia mais de 90% das empresas.

Esse mesmo autor esclarece que nos EUA a representatividade das MPE é bastante avultada, respondendo por 40% do PIB, em razão disso são a quarta potência da economia americana, juntamente com o setor público, o grande capital e os sindicatos. Nesse país as pequenas empresas oferecem 57,3% dos empregos no setor privado.

Já na União Europeia a participação do ramo de MPE no PIB também é bastante expressiva, alcançando 60% do total, sendo responsável pelo emprego de mais de 100 milhões de trabalhadores, representando aproximadamente 67% dos trabalhadores europeus, conforme Guia das Regras Comunitárias aplicáveis aos auxílios estatais e favor das PME.

Em relação à mortalidade precoce de empresas nos EUA, estudos, realizados no período de 1995 a 2000, apontam uma taxa de mortalidade 30,22% para as pequenas e de 11,9% para as grandes empresas (FIGUEIREDO, 2012).

Ao observar a situação dos países da União Europeia percebe-se que a maioria ainda luta contra os efeitos da crise de 2008, sendo alguns com valor adicionado positivo e taxa de emprego negativo e outros negativos em ambos os índices. No período de 2008 a 2013 houve recuperação completa do setor de serviços, mas os setores de construção e manufaturados ainda continuam em baixa. A perspectiva para MPE em 2015 nessa região foi de crescimento de 6,3% no valor adicionado, e 0,1% no número de empresas desse porte (ANNUAL REPORT ON EUROPEAN SMES 2013/2014).

De acordo com os dados de participação no PIB e empregos gerados pelas MPE, no Brasil e em outros países, pode-se inferir que tais empresas têm um papel relevante na economia dos países e a gestão dessas organizações torna-se, a cada dia, objeto de mais pesquisas, tanto no Brasil como nos países da União Europeia e Estados Unidos da América.

2.1 ASPECTOS LEGAIS E FISCAIS

De acordo com a Lei Complementar 123/2006 microempresa é a que aufera em cada ano calendário a receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (BRASIL, 2006). E uma sociedade é enquadrada como Empresa de Pequeno Porte quando sua receita é superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00. Outra classificação de porte é referente à quantidade de empregados, situação utilizada nesta pesquisa (BRASIL, 2006).

Nos EUA utiliza-se a expressão “pequena empresa”, conforme definição trazida pelo *Small Business Act*, como sendo aquela em que o negócio deve ter menos de 500 funcionários e receita anual de no máximo US\$ 7 milhões (FIGUEIREDO, 2012).

Segundo o Relatório Anual da União Europeia (*Annual Report on European MEs*) de 2013/2014, a classificação de empresas é a seguinte, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Definição de pequena empresa na União Europeia

	Quantidade de funcionários	Representatividade no total das empresas na U.E.
Micro	Menos de 10	29%
Pequenas	De 10 a 49	21%
Médias	De 50 a 249	17%
Grandes	De 250 em diante	33%

Fonte: Relatório Anual da União Europeia 2013/2014 – adaptado (2018).

No Brasil é previsto para as MPE tratamento jurídico diferenciado, estabelecido pela LC 123/2006, compreendendo o cumprimento de obrigações trabalhistas e previdenciárias, inclusive obrigações acessórias, bem como permite estas empresas serem beneficiadas com a simplificação, na forma de apuração e recolhimento de impostos e contribuições da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Porém, o benefício de maior expressão é o da arrecadação em único documento e com um único cálculo, sobre o valor bruto arrecadado pelas empresas, com a criação do SIMPLES NACIONAL (SEBRAE, 2007).

O recolhimento do Simples Nacional é mensal, mediante documento único de arrecadação. Para as empresas do segmento micro e pequenas o Simples abrange os seguintes impostos e contribuições: IRPJ, CSLL, PIS/PASEP, COFINS, IPI, ICMS, ISS e a Contribuição para a Seguridade Social Patronal, sendo o cálculo do valor a ser pago realizado com base na receita bruta apurada, aplicando-se as tabelas dos anexos da Lei Geral.

2.2 FATORES CONDICIONANTES À SOBREVIVÊNCIA DAS MPE

Dentre os principais motivos que levam os empresários a abrirem suas empresas, destaca-se o desejo de ter o próprio negócio e a percepção de um nicho de mercado em potencial (SEBRAE, 2013). Guerra e Teixeira (2010) afirmam que um dos principais motivos para abrir uma empresa é o desejo de ser “homem de negócios”, chamado por Ortigara (2006) de dono do próprio negócio.

Em uma revisão bibliográfica sobre os autores Schumpeter, Marx e Marshal, Guerra e Teixeira (2010) afirmam que os pequenos negócios possuem menor probabilidade de se manterem viáveis, comparativamente aos grandes. Porém, nota-se espaço para que as pequenas empresas possam permanecer no mercado, mesmo que um número significativo não consiga atingir uma escala mínima de produção com eficiência.

Ao se referirem aos pontos positivos à sobrevivência das pequenas organizações, Guerra e Teixeira (2010) mencionam os seguintes fatores: ocupação de espaços em segmentos produtivos não apossados pelas grandes empresas; atuação das pequenas com relação de complementaridade e subordinação às grandes; oferta elástica de empresários e inexistência de barreiras à entrada em setores marcados por forte concorrência abre espaço

para o surgimento de novas pequenas empresas; existência de pessoas dispostas a assumir riscos, com a reunião de capital e mão de obra, pela satisfação apenas, de serem considerados homens de negócios; a subcontratação das pequenas empresas pelas grandes, ensejando a redução de custos destas, torna funcional a existência das pequenas; a falta de padronização dos produtos, o atendimento a pequenos mercados locais e baixa inovação tecnológica, são características propícias para a atuação de pequenas empresas; mão de obra barata e desorganizada atuando em espaços geográficos com dificuldade para absorção de tecnologias poupadoras de trabalho.

Cabe lembrar que a flexibilidade é uma das características principais presentes nas MPE, incluindo ainda a capacidade de gerar emprego e absorver mão de obra, bem como alavancar o desenvolvimento regional, corroborando com a ideia de que as economias com presença destacada de MPE computam maior número de postos de trabalho com o crescimento da produção, se comparadas àquelas em que predominam as grandes empresas nas mesmas condições de trabalho (SANTOS; SILVA; NEVES, 2011).

Os autores supracitados esclarecem que as incertezas macroeconômicas advindas da globalização levaram à criação de um ambiente empresarial com flexibilidade suficiente para enfrentar possíveis crises sistêmicas. O relatório *Doing Business 2016 – Measuring Regulatory Quality and Efficiency*– indica melhora no ambiente para o ano em referência, ao informar que em análise à economia de 189 países foi possível documentar 231 reformas no ambiente de negócios, entre junho de 2014 e junho de 2015, inclusive para a redução dos custos e complexidade dos processos regulatórios, como os da abertura de negócios e pagamento de impostos (WORLD BANK, 2016).

Outro fator a ser considerado é a elasticidade emprego-produto que é maior nos empreendimentos de menor porte em relação às grandes organizações, isso significa que o aumento do emprego nas micro e pequenas empresas está acima da proporção do aumento da produção (SANTOS; SILVA; NEVES, 2011). Estudo de Cowling et al. (2015) no Reino Unido aponta que quatro em dez MPE tiveram queda no emprego durante a recessão provocada pela crise que se iniciou em 2008, assim como cinco em cada dez experimentaram queda nas vendas.

Soifer (2002) destaca que os empresários desse segmento estão habituados a não

demitir os seus funcionários em épocas de crise, mesmo que tenham de abrir mão dos seus lucros para mantê-los, usando tais períodos para manutenção da empresa e treinamento dos funcionários amenizando o efeito das crises. O autor pontua que ao agirem assim os empresários tendem a beneficiarem as comunidades locais, por meio de suas reivindicações por melhoria ou criação de infraestrutura, como energia, segurança, asfaltamento de ruas e abastecimento de água. O próprio reinvestimento do lucro em bens imóveis é também gerador de trabalho para as empresas da construção civil e outras do ramo, prestando mais uma contribuição ao comércio local. Cowling et al. (2015) lembra que, embora os efeitos de uma recessão sejam graves há empresários que se recuperam rapidamente.

Em estudo feito em Santa Catarina, Ortigara (2006) observou como fatores de sucesso mais relevantes o bom conhecimento do mercado, boa estratégia de vendas, empresário com persistência e perseverança e aproveitamento das oportunidades do negócio.

As evidências mostram que nem todas as empresas criadas permanecem no mercado, mas, as que sobrevivem apresentam um índice mais elevado, como mostra os resultados da pesquisa nacional feita pelo SEBRAE. A pesquisa avaliou dados de três anos e concluiu que a taxa de sobrevivência das empresas brasileiras com até dois anos de atividade, em 2007 foi de 75,6%, taxa essa superior à das empresas nascidas em 2006 (75,1%) e 2005 (73,6%). A taxa de mortalidade é complementar à da sobrevivência. Assim, pode-se inferir que a taxa de mortalidade de empresas com até dois anos caiu de 26,4% (para as nascidas em 2005), para 24,9% (para as nascidas em 2006) e para 24,4% para as nascidas em 2007 (SEBRAE, 2013).

A possível causa do melhor desempenho do setor industrial aponta para o fato de a entrada de novas empresas no setor ser dificultada por barreiras tais como requisitos de capital, tecnologia e conhecimento técnico, que funcionam como uma natural proteção às empresas que já estão estabelecidas (SEBRAE, 2013).

2.3 CAUSAS DE MORTALIDADE NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO BRASIL

A apuração da criação de empresas e suas taxas de sobrevivência não é um trabalho simples, iniciando pela definição do que vem a ser uma empresa “recém-criada”, uma

empresa “em atividade” e uma empresa “encerrada”. Outros problemas de tal apuração estão associados ao fato de os donos das empresas poderem demorar algum tempo para regularizá-las junto aos órgãos oficiais, outras vezes o fechamento de uma empresa é acompanhado da abertura de outra com a mesma estrutura da empresa encerrada e, também pelas dificuldades encontradas pelos empresários no momento de encerrar as atividades das empresas (SEBRAE, 2013).

As razões mais apontadas para o fechamento das empresas ou as dificuldades no gerenciamento destas, segundo levantamento do SEBRAE (2007) a partir de entrevistas com proprietários de empresas abertas nos anos de 2003, 2004 e 2005 foram as seguintes: políticas públicas e arcabouço legal; carga tributária elevada; falta de crédito bancário; causas econômicas conjunturais; concorrência muito forte; falhas gerenciais; falta de capital de giro; recessão econômica no país; problemas financeiros.

Santini et al. (2014), em estudo feito na região central do Rio Grande do Sul, perceberam que inúmeros fatores podem desencadear dificuldades de sobrevivência de uma empresa podendo levar a mesma à mortalidade, dentre esses destacam a elevada carga tributária, a carência de clientes, a indisponibilidade de capital de giro, e a localização inadequada.

Nessa mesma linha de considerações, ao analisar várias pesquisas sobre MPE Gomes, Nogueira e Torralbo (2010) afirmam que, as altas taxas de mortalidade nas empresas identificadas nas pesquisas, apontam que grande parte da dificuldade de sobrevivência delas no mercado deve-se a fatores internos ou externos que podem estar relacionados à falta de capital de giro, falta de planejamento, carga tributária e recessão econômica.

Em 1999, Kriek e Tontini, mencionaram que os índices de mortalidade das MPE seriam praticamente generalizados por todo o globo, indicando assim, certo padrão de comportamento na classe de empreendedores, com pequenas variações nas porcentagens de mortalidade entre as diversas pesquisas.

Naquela época os autores citaram um estudo do SEBRAE com índices de mortalidade de 36% no primeiro ano e 47% no segundo ano, bem como as principais barreiras para o crescimento das MPE como sendo: erros comuns, por exemplo: mistura de contas pessoais

com as das empresas, dificuldades com impostos e tributos, falta de capital de giro, falta de crédito; falta de apoio governamental, carga tributária e juros muito altos, falta de formação do empresário, falta de planejamento, má delegação de poder, ausência de foco (planejamento estratégico), falta de uma matriz de produtos e mercados, visões folclóricas sobre o que é administrar, baixa qualidade em serviços e atenção ao cliente, impulsos estratégicos conservadores, baixa competência em gestão de pessoas e liderança. Destacaram ainda que o fator principal é simplesmente a competência gerencial a qual diferencia as empresas bem-sucedidas das mal sucedidas.

Ferreira e Santos (2008) descrevendo o resultado de uma pesquisa realizada no estado de São Paulo, com empresas abertas nos anos de 2003, 2004 e 2005 e extintas no ano de 2005, apuraram que os fatores que contribuíram para a mortalidade das MPE se classificam em três grupos, a saber: do Empreendedor, do Negócio, do Ambiente Externo. O Grupo do Empreendedor apresenta a competência na gestão empresarial, a experiência no ramo e o nível de escolaridade como sendo as principais causas de sucesso ou insucesso da empresa. O Grupo do Negócio apresenta o acesso ao crédito, à mão de obra qualificada, o planejamento estratégico, o suporte jurídico contábil e a qualidade e inovação de produtos e serviços como causas influenciadoras de mortalidade da empresa. No Grupo do Ambiente Externo o destaque é para a burocracia legal e fiscal, a competição dos concorrentes, a demanda dos clientes, fornecedores, representantes, distribuidores e parceiros, carga de impostos e tributos e os aspectos econômicos, políticos, tecnológicos, sociais e ambientais.

Segundo concepção de Guerra e Teixeira (2010) algumas empresas de pequenos negócios poderiam permanecer viáveis mesmo com uma escala mínima de eficiência. No entanto, os autores reconhecem a existência de fatores de dificuldades enfrentados pelas MPE e elencam: acesso ao crédito e às novas tecnologias; barreiras à compra de equipamentos; gastos com propaganda; baixa capitalização; incapacidade de o pequeno empresário pensar a empresa em termos estratégicos, pois ele precisa “fazer de tudo”; reduzido poder para barganhar reduções nos custos das compras e de transportes, por conta das diminutas escalas de produção; baixa taxa de lucro devido à intensa concorrência nos setores povoados por pequenas empresas; limitada flexibilidade financeira para institucionalizar departamentos de pesquisa e desenvolvimento ou estabelecer convênios com universidades com o objetivo de gerar inovações.

Estudos realizados pelo Instituto dos Auditores Independentes do Brasil (IBRACON) apontam que em 2014 o índice de mortalidade de MPE caiu pela metade no Brasil. De acordo com artigo de Paula Salati (2014), publicado no site desta instituição, houve queda na mortalidade de MPE de 2013 para 2014, diante do fechamento de 60.554 empresas até novembro de 2014, comparando com as 124.099 MPE fechadas em 2013. Quanto a empresas de todos os portes a informação é que em 2010 a taxa de mortalidade foi 38,8% em relação a 617.836 empresas abertas naquele ano, com aumento para 52,18% até setembro de 2014, segundo dados do Departamento de Registro Empresarial e Integração da Secretaria da Micro e Pequena Empresa colhidos junto às Juntas Comerciais do país (SALATI, 2014).

Em um *ranking* de 189 países, cujas economias são classificadas pelo grau de facilidade de fazer negócios o Brasil se encontra na posição 116º, resultado da análise de 10 tópicos, cada um com pesos e indicadores, classificados da distância até a fronteira, conforme Quadro 1 (WORLD BANK, 2016).

Quadro 1 - Classificação do Brasil nos tópicos relativos à facilidade para fazer negócios

Tópico	Classificação relativa à facilidade para fazer negócios
Abertura de Empresas	174º
Obtenção de Alvarás de Construção	169º
Obtendo Eletricidade	22º
Registro de Propriedades	130º
Obtenção de Crédito	97º
Proteção dos investidores minoritários	29º
Pagamento de Impostos	178º
Comércio Internacional	145º
Execução de contratos	45º
Resolução de Insolvência	62º

Fonte: Doing Business – Banco Mundial – adaptado (2016).

A dificuldade na condução de empresas no Brasil começa já na abertura, conforme a posição 174º, em 189 economias pesquisadas, com destaque ainda para os itens de comércio internacional, registro de propriedades e pagamento de impostos, todos com posições próximas dos últimos lugares (WORLD BANK, 2016).

Guerra e Teixeira (2010) acrescentam que pela constatação empírica da importância das pequenas empresas no Brasil, as dificuldades relacionadas às causas de mortalidade das MPE devem ser atacadas por meio de políticas públicas, o que para eles seria altamente

relevante do ponto de vista econômico e social.

2.4 GESTÃO E PRÁTICAS DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Em uma organização a tarefa de administrar é responsabilidade de todos, em menor ou maior escala de utilização de recursos, cabendo logicamente aos gerentes – sócios e administradores – a responsabilidade pela tomada de decisões, em sentido amplo, as quais atingem todo o grupo. Desses gerentes espera-se um conjunto de comportamentos e competências gerenciais, intelectuais, interpessoais, intrapessoal e técnica (MAXIMIANO, 2008).

Partindo dessas competências busca-se o desenvolvimento das práticas com adequada ênfase na gestão financeira e na eficiência operacional. Ambas são importantes, pois não bastam apenas recursos financeiros e ideias brilhantes se não for considerada uma equilibrada formatação estrutural, com racionalidade dos gastos, dimensionamento de vendas e existência de perspectivas mercadológicas capazes de garantir a robustez dos resultados (FERRONATO, 2011).

Estudar a sobrevivência de empresas não é uma atividade recente. Collins e Porras (1995) lideraram um grande estudo sobre empresas norte americanas que se sobressaíram ao teste do tempo. Nesse estudo os autores procuraram entender o que fazem as empresas verdadeiramente excepcionais serem diferentes das demais, inclusive quando do mesmo porte. (1995, p. 13). Foi descoberto que muitos dos métodos de gerenciamento atuais não têm nada de novo, termos muito usados como equipes auto gerenciáveis, energização, melhoria contínua e outros, são apenas versões atualizadas do que já era praticado no século XIX.

A grande ideia para se começar um novo negócio é uma das teorias que não se sustentou como essencial para o sucesso de uma empresa, assim como também não se sustentou a teoria de que líderes carismáticos são os responsáveis pela longevidade de organizações, mas, é apenas um mito (COLLINS; PORRAS, 1995). Os mesmos autores demonstram que a mudança é uma constante nas empresas visionárias, assim como cultura, estratégias, operações, mas algo deve ser mantido sempre, a ideologia. As empresas de sucesso não se preocupam apenas com a competição diária com outras empresas e estão

sempre se perguntando como no amanhã poderão se sair melhor do que hoje. Esse estudo de sobrevivência e longevidade de grandes empresas líderes em seus setores contém muitas orientações para administradores e gestores de empresas atuais (COLLINS; PORRAS, 1995).

Estudos realizados por Christensen (2001), com empresas que fracassaram demonstram que algumas dessas organizações, aplaudidas pela forma como eram administradas e consideradas exemplo para alunos de administração, inexplicavelmente fracassaram sem motivos aparentes. O autor lança a questão se essas organizações foram bem administradas realmente, concluindo que foram tão bem administradas que esta foi a razão pela qual fracassaram.

Christensen (2001) esclarece que os bons princípios da administração como ouvir o cliente, investir em tecnologia, pesquisa de mercado e boa alocação de recursos foram os principais motivos que levaram empresas à decadência, fazendo crer que tais princípios são adequados dependendo da ocasião. Alguns fatores foram levantados na pesquisa como motivadores da condução de empresas ao fracasso: o primeiro é a contraposição das tecnologias incrementais frente às tecnologias de ruptura, quando as incrementais apenas melhoram o desempenho de produtos já estabelecidos, enquanto as de ruptura propõem valor diferente, com produtos de baixo desempenho e em mercados desconhecidos ou ainda inexpressivos.

O segundo motivo apontado por Christensen (2001) de impulsão ao fracasso de empresas é o fato de o mercado às vezes estar aquém da melhoria da tecnologia apresentada ou, na intenção de obter maiores lucros as empresas oferecem produtos com desempenho acima do que o mercado precisa ou está disposto a pagar. E por fim a falha de estrutura ao se comparar tecnologias de ruptura e investimentos racionais, pois não há racionalidade em investir em produtos de margens de lucro menores comercializados em mercados emergentes.

Empresas possuem características que as colocam em condições diferentes de sobrevivência ao longo dos anos. Silva, Jesus e Melo (2010) citam que essa busca pela perpetuação de um modelo de negócio leva essas organizações a enfrentar grandes desafios, cuja superação determinará a sobrevivência da empresa. O estudo das causas de sobrevivência e mortalidade deve considerar as características estruturais do setor em que

concorrem, assim como a particularidade do tamanho, poder exercido no mercado e a intensidade da concorrência (SOUZA et al., 2014).

Por outro lado, Silva e Dacorso (2014) colocam a capacidade de inovação das organizações como o motor principal da sobrevivência e do desenvolvimento no ambiente de competição. Maçaneiro e Cherobim (2011) concordam explicando a inovação como força propulsora do desenvolvimento econômico, em contraponto ao fator de sobrevivência os mesmos apontam como dificuldades para as MPE o fracasso administrativo, a incapacidade de manter pessoal qualificado e poucos recursos financeiros.

Entre todos os tipos de dificuldades de gestão enfrentados pelas MPE, Ferreira et al. (2011) apontam como principal a ausência de recursos financeiros para o capital inicial, com reflexos na compra de insumos, equipamentos e no capital de giro para os primeiros meses de vida da empresa.

A obtenção do capital necessário é dificultada pelas políticas públicas voltadas para as MPE que impõem exigências não suportadas pelas mesmas (AOKI; BADALOTI, 2014). Fatos esses que contradizem a previsão de tratamento diferenciado para o benefício das empresas desse porte, como se é estabelecido pela Constituição Federal de 1988, nos artigos 170 e 179, com a intenção de incentivá-las e favorecer a participação no processo de desenvolvimento econômico e social (BRASIL, 1988).

A dificuldade de obtenção de crédito pelas MPE brasileiras é comparada com as empresas britânicas em estudo efetuado por Carvalho e Shiozer (2012), que identificam um maior custo do financiamento bancário para as brasileiras em comparação com as britânicas. O Reino Unido é o 2º colocado na facilidade de obtenção de crédito e 4º para as empresas fazerem negócios, enquanto o Brasil ocupa nesse *ranking* apenas as 127ª e 89ª posições, respectivamente. Os autores concordam ainda com a impossibilidade de estabelecer uma causalidade entre a gestão do capital de giro e o desempenho das empresas, enquanto Aoki e Badaloti (2014) destacam a falta do capital de giro como um dos maiores responsáveis pela não sobrevivência das empresas.

A utilização de práticas financeiras adequadas conforme concepções de Ferreira et al. (2011), está cada dia mais vinculada ao sucesso empresarial, devendo a gestão do capital de

giro ter maior cuidado com a complexidade crescente da economia brasileira e global, diante da expansão e sofisticação do mercado financeiro e do elevado custo de crédito.

No estudo das práticas de gestão que conduzem a uma maior longevidade das empresas, Silva, Jesus e Melo (2010) percebem a literatura acadêmica com pouca atenção ao assunto, bem como suas causas e a expectativa de vida empresarial. Uma pesquisa foi apresentada por Martins e Pereira (2009), com classificação das práticas mais utilizadas por empresas longevas:

Quadro 2 - Ranking das Práticas de Gestão Utilizadas por empresas longevas

Ordem	Prática de Gestão	Total de citações
1º	Conhecimento do mercado	8
2º	Liderança	7
2º	Inovação constante	7
3º	Valorização das pessoas	5
3º	Processo sucessório	5
3º	Senso de identidade	5
3º	Cultura arraigada	5
4º	Controle financeiro	4
4º	Estratégia transparente e definida	4
4º	Metas transparentes	4
4º	Foco na tecnologia	4
5º	Coordenação administrativa	3
5º	Foco no crescimento e desempenho	3
5º	Aprendizado e melhoria constantes	3
6º	Estrutura flexível	2
6º	Parcerias	2
6º	Processo decisório	2
7º	Estrutura complexa	1
7º	Crescimento não planejado	1
7º	Hierarquia gerencial	1
7º	Investimentos	1
7º	Senso de comunidade	1

Fonte: Martins e Pereira (2009).

Essas práticas subsidiam o estudo do ciclo de vida das organizações, cuja relevância é justificada com o intuito das empresas se identificarem na fase em que estão situadas e como traçar estratégias objetivando maior longevidade. Os modelos de Ciclo de Vida se justificam pela observação da forma como as empresas e organizações se desenvolvem ao longo do tempo, além de buscar as características comuns entre as empresas longevas (SILVA; JESUS; MELO, 2010).

Bernardi (2012) afirma ser fácil perceber que o ciclo de vida de uma empresa e a sua

sobrevivência estão alinhados com a capacidade de renovar-se a cada estágio e a cada momento. Nessa mesma linha de considerações Silva, Jesus e Melo (2010) dizem que a busca pela sobrevivência e perpetuação de um modelo de negócio faz com que os gestores enfrentem grandes desafios, cuja superação determinará a sobrevivência da empresa.

O estudo realizado por Rocha (2008) mostra que, em 2005, entre os fatores de sucesso das empresas, aparece capacidade empreendedora (82%), criatividade (44%), persistência (46%) e aproveitamento de oportunidades (34%), também foram citados: o bom conhecimento do mercado, um administrador competente à frente das decisões, reinvestimento dos lucros, utilização do capital próprio, entre outros.

3 METODOLOGIA

Este trabalho teve como objetivo identificar os fatores condicionantes da sobrevivência das MPE no município de Bom Despacho. Para atender ao objetivo proposto, a pesquisa adotou uma abordagem caracterizada como do tipo quantitativa, em que os dados são tratados mediante adoção de recursos estatísticos e visa a medição dos resultados. O tratamento estatístico dos dados por meio de *software* específico permite a utilização de técnicas de análise de dados, a exemplo de gráficos e tabelas a fim de permitir a identificação e exposição dos resultados obtidos.

Quanto aos fins, a presente pesquisa se caracterizou como descritiva, por procurar expor as principais características que acompanham as empresas em suas dificuldades de sustentabilidade (GIL, 1988, p. 42). Por pretender apurar as variáveis que combinam com o problema suscitado e delimitar uma nova visão do problema, a pesquisa descritiva apresentou tendência de se aproximar de uma pesquisa exploratória, como ensina Gil (2002) por poder suscitar questões que poderão ser abordadas por outras pesquisas que venham a ser realizadas no futuro.

Para auxiliar na coleta de dados também foi utilizada a observação, que se apresenta como um dos principais instrumentos na pesquisa de campo (MANZATO; SANTOS, 2012). A observação sem a participação direta do entrevistador é chamada por Gil (1991) de observação simples, na qual o observador é apenas um espectador, porém, exige um mínimo de controle na obtenção de dados.

Pela observação não participativa durante a coleta de dados nas empresas, foi possível constatar situações que possibilitaram a percepção de um ou mais fatores causadores da mortalidade ou da sobrevivência das MPE.

3.1 AMOSTRA E CENÁRIO

Dada a importância das MPE para a geração de emprego e renda, optou-se por efetivar a pesquisa na cidade de Bom Despacho, no interior do estado de Minas Gerais, com população média de 50 mil habitantes e características semelhantes às informações obtidas em pesquisas anteriores (IBGE, 2015).

Conforme dados do Cadastro Central de Empresas, do IBGE (2015), em 2013 a cidade escolhida para a pesquisa possuía 1.543 empresas atuantes, 9.502 pessoas assalariadas e um salário médio mensal de 1,7 salários mínimos. Essa remuneração média equivale a do Estado de Minas Gerais, em relação ao comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (IBGE, 2015).

O universo das MPE pesquisadas foi o seguinte:

Quadro 3 - MPE de Bom Despacho

Setor	Comércio	Indústria	Prestação de Serviços	TOTAL
Quantidade	363	56	146	565

Fonte: Banco de dados de instituição financeira (2015).

Conforme dados de instituição financeira, dentre os setores, o comercial é o mais expressivo na economia local e, conseqüentemente determinante na amostra que apresenta com mais de 60% em empresas comerciais.

3.2 COLETA E TRATAMENTO DE DADOS

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário com questões fechadas, enviado a gestores de MPE por meio eletrônico no caso das empresas que possuíam *e-mail* e impresso para as empresas que não dispunham de correio eletrônico. O instrumento constava em sua parte inicial da caracterização das empresas, como área de atuação, porte da empresa de acordo com a quantidade de pessoas ocupadas e faturamento. A segunda parte do instrumento buscava a caracterização dos sócios, como idade, sexo, escolaridade, atividades anteriores e as principais motivações que os levaram a constituir as empresas.

Procurou-se identificar na parte três os conhecimentos e experiências anteriores que credenciavam os empresários a iniciarem as atividades empresariais. A parte quatro tinha o objetivo de levantar as práticas de venda de produtos e serviços, como prazos médios de compra e venda foco em qualidade ou preço, formas de recebimento das vendas e uso de publicidade e propaganda. A última parte do questionário foi utilizada para identificar os fatores condicionantes do sucesso ou mortalidade das empresas, as principais dificuldades encontradas na condução da atividade empresarial e quais os fatores considerados mais importantes para o sucesso e sobrevivência das MPE.

O universo pesquisado constou de 565 empresas, sendo que 336 receberam questionário em papel, 98 receberam questionário via *e-mail*, além de 21 recusas de participação da pesquisa, totalizando, assim, uma amostra de 455 empresas. A entrega dos documentos físicos ocorreu no mês de janeiro de 2015, pelo pesquisador e um colaborador.

Foi utilizada a análise univariada na interpretação dos dados, recurso da Estatística Descritiva, que se utiliza das medidas de tendência central, sendo as principais: a média aritmética, a mediana e a moda. O uso da indicação da variabilidade dos indivíduos no grupo se justifica pelo levantamento e indicação do grau de semelhança ou diferença dos indivíduos em determinado grupo em relação a alguma característica. Sendo a variabilidade obtida utilizando as medidas de dispersão, especialmente amplitude, desvio médio, desvio padrão e desvio quartílico.

4 RESULTADOS

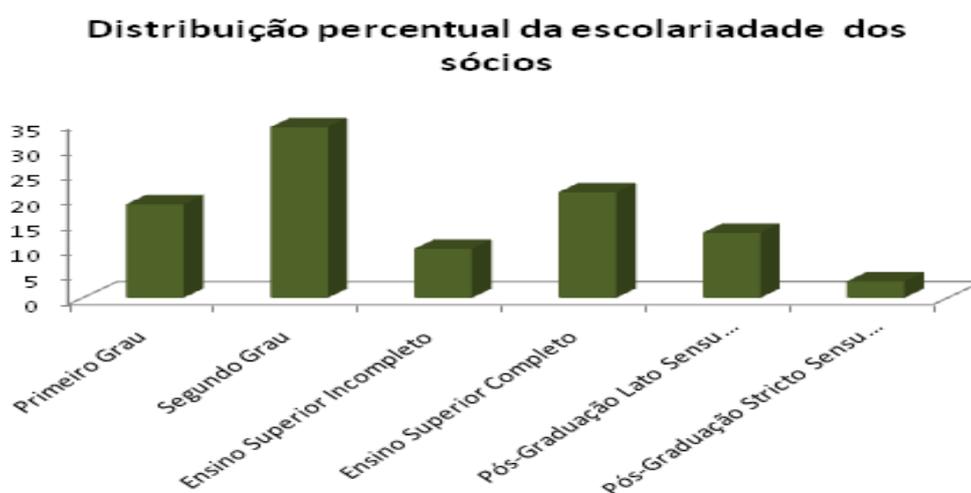
Segundo concepções de Lakatos e Marconi (2003), a análise dos resultados pode ser definida como uma interpretação do significado do material apresentado em relação ao tema escolhido e aos objetivos propostos. Visa organizar e sumarizar os dados de forma tal a possibilitar o fornecimento de respostas ao problema apresentado.

A amostra utilizada na pesquisa pode ser considerada relevante, como ensina Manzato e Santos (2012), e os resultados podem ser levados à comparação com outras pesquisas anteriores, de outros autores.

4.1 CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS E EMPRESÁRIOS

Os resultados obtidos mostram que a maioria das empresas é do porte micro, com faturamento na primeira faixa de incidência do SIMPLES NACIONAL, com idade predominante dos empresários na faixa dos 40 a 49 anos e escolaridade de 2º grau. Essa faixa de escolaridade predomina, mas não é maior do que a soma dos que possuem ensino superior incompleto, completo e demais graus acima, conforme Gráfico 1. Isso ajuda a esclarecer o motivo pelo qual poucos empresários manifestaram não possuir condições de preenchimento do formulário por dificuldades de leitura e interpretação, como também remete à percepção de tendência de aumento no grau de escolaridade e, portanto, de aumento das possibilidades de sobrevivência da empresa. Esses resultados levam a inferir que os empresários estão procurando se preparar para competições mais ferrenhas, e têm consciência de que o aumento da escolaridade e do conhecimento potencializa a capacidade de competir.

Gráfico 1– Escolaridade dos Sócios



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Essas características são importantes, além do possível impacto que podem causar sobre o desempenho e crescimento dos pequenos negócios, sendo consideradas de grande importância para acadêmicos e formadores de políticas públicas.

Ao analisar os resultados referentes às atividades anteriores dos sócios e suas motivações para a abertura dos empreendimentos não se percebe um movimento que possa se destacar como característico, sendo a principal atividade originária o funcionário de empresa privada, mas, é possível comprovar uma das motivações indicadas na literatura para a abertura da empresa: a satisfação de ser chamado de homem de negócio, a exemplo

da resposta de maior parte dos entrevistados que responderam: o “desejo de ter o próprio negócio” como a principal motivação para a constituição de uma empresa (ORTIGARA, 2006; SEBRAE, 2013).

Ainda no campo da materialização da empresa é necessário destacar entre tantas experiências anteriores a afirmação de 26 sócios, 23% dos respondentes a essa questão, de que não possuíam nenhuma experiência anterior. Esse índice corresponde a um número elevado de empreendedores que praticamente se arriscaram à aventura de serem donos de uma empresa, como apurado em pesquisa de Ferreira e Santos (2008), ao contrário de pouco mais de 10% que informaram terem elaborado um plano de negócios para abertura dos empreendimentos, o que colabora para a mortalidade precoce de MPE.

Estudos recentes indicam que o capital humano tem relação direta com o desempenho das empresas, estando positivamente associado ao sucesso das mesmas. Tal capital é dividido em formal e informal, sendo o primeiro constituído pelo nível de escolaridade do empreendedor e o último por variáveis como idade, saúde, família e experiência anterior. Estudo de Cowling em 2002 apontou fortes indícios de que as firmas com empresários com nível de educação mais elevado apresentavam crescimento mais rápido em seu estágio inicial (COWLING et al., 2015).

A falta de capital financeiro não é motivo para deixar de abrir um negócio, como ficou comprovado pela pequena parcela de sócios da amostra da pesquisa que admitiu possuir capital disponível para a constituição da empresa.

Dentre as demais motivações para a constituição de uma empresa merece ser citada a identificação de oportunidade de negócio, a qual está diretamente relacionada à resposta de “bom conhecimento do mercado onde atua” para a pergunta de quais os fatores mais importantes para o sucesso de uma empresa.

O comportamento dos empresários pesquisados em relação ao planejamento aponta para um padrão global, como citam Kriek e Tontini (1999), com maior possibilidade de sobrevivência para aqueles que apresentarem conhecimento do investimento necessário, conhecerem os concorrentes e suas estratégias para não incorrerem nas adversidades encontradas na gestão das MPE e suas principais causas de mortalidade.

Empresários mais jovens e com grau universitário são mais propensos a crescer durante uma recessão, assim como as empresas exportadoras, ao contrário de empresas familiares (COWLING et al., 2015).

4.2 FATORES CONDICIONANTES DA CONTINUIDADE DAS MPE EM BOM DESPACHO/MG

Sobre a habitualidade de procedimentos operacionais empresariais foi possível observar que uma parcela razoável dos entrevistados demonstra boa prática na estratégia de vendas, informando que o foco da empresa está na qualidade oferecida aos clientes, prática de sucesso encontrada na literatura. Uma boa quantidade de empresários, 33,2% responderam que é prática da empresa a oferta de produtos com qualidade e foco no preço oferecido dos produtos e serviços, conforme Tabela 1. O resultado da pesquisa demonstra também que boa parte das empresas, 42,8%, aceita cartões de débito e crédito no recebimento das compras, assim como também se utiliza do recebimento de cheques pré-datados, prática comum no mercado e, possivelmente garantidora da fidelização de clientes.

Tabela 1 - Práticas utilizadas

Práticas	Referência	Frequência	Percentual
O foco da empresa está na qualidade oferecida aos clientes	Ferronato (2011) Ferreira et al. (2011)	76	23,6
Aceitamos cartões de débito	SEBRAE (2013)	48	14,9
Aceitamos cheques “pré-datados”	Ferreira et al. (2011)	48	14,9
Aceitamos cartões de crédito	SEBRAE (2013)	42	13,0
Usamos notinhas nas vendas a crédito	Ferronato (2011)	39	12,1
O foco da empresa está no preço oferecido dos produtos/serviços	SEBRAE (2014)	31	9,6
Investimos em publicidade e propaganda		28	8,7
Só vendemos à vista	Ferreira et al. (2011)		
Total de respostas		10	3,1
		322	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Entre os principais problemas enfrentados pelas empresas 16% responderam a falta de capital de giro e problemas financeiros. Confirma-se pela literatura, que a ausência de capital de giro é uma das principais barreiras para o crescimento das MPE segundo Kriek e Tontini (1999) e uma das principais dificuldades de gestão enfrentadas na opinião de Ferreira et al. (2011), vindo a ser um dos motivos da causa de mortalidade precoce das MPE (SEBRAE, 2013).

Empresas que investem muito em estoques e fornecedores podem ter uma rentabilidade reduzida, ou seja, investimento em estoques reduz o risco e também a rentabilidade. Considerando fornecedores como uma fonte natural de financiamento que reduz necessidade de capital de giro faz-se necessário ter cuidado, porque os descontos por compras à vista podem representar um alto custo implícito (GARCÍA-TERUEL; MARTÍNEZ-SOLANO, 2002).

A gestão de capital de giro nas pequenas empresas é muito importante, tendo em vista que a maioria dos ativos dessas empresas está em estoques e o passivo circulante ser uma das principais fontes de financiamento. Concluem, García-Teruel e Martínez-Solano (2002) ser importante o papel da gestão do capital de giro para a geração de valor das pequenas empresas. Foi encontrada também uma relação negativa entre a rentabilidade das MPE e o prazo médio de contas a receber e estoques, sem, contudo, confirmar a partir de qual prazo a rentabilidade das empresas seria afetada.

Os resultados da pesquisa apresentaram alguns fatores condicionantes para o sucesso e manutenção da atividade empresarial longa, conforme Tabela 2. Numa combinação da literatura sobre o assunto com os dados encontrados verificou-se que a inovação é fator citado em diversas ocasiões como essencial à continuidade das empresas, como se observa entre os propósitos da própria Lei Geral das MPE. A busca pela inovação em produtos e serviços é citada por Ferreira e Santos (2008) como fator influenciador da mortalidade precoce, mas é também o fator principal da sobrevivência e da capacidade de competir (SILVA; DACORSO, 2014). No entanto, a inovação e aplicação efetiva da qualidade pelas MPE sofre entrave por motivo de escassos recursos e conhecimento. Essa falta de recursos chega a impedir uma avaliação adequada dos benefícios que as MPE poderiam conquistar com a implementação de tecnologias avançadas de manufatura (UWIZEYEMUNGU; POBA; PIERRE, 2015).

Nenhuma manifestação de ausência de empregado ou dirigente para participar de treinamento, ou menção que tivesse acontecido, foi observada durante a pesquisa. A concorrência desleal não foi apresentada como uma dificuldade enfrentada pelas empresas. Assim como a dependência das políticas governamentais para o crescimento das mesmas também não foi considerada fator determinante para o insucesso ou a sobrevivência das

empresas.

Tabela 2 – Fatores condicionantes

Questões	Referências M	Média	Desvio padrão
17-O(s) dirigente(s) da minha empresa está(ão) sempre buscando inovações em produtos e serviços.	Silva e Dacorso (2014)	5,8	1,7
18-Pretendo fazer novos investimentos na minha empresa nos próximos dois anos	Collins e Porras (1995)	5,6	1,8
25-Os altos tributos são a principal dificuldade enfrentada pela minha empresa.	Kriek e Tordin (1999)	5,6	1,9
23-Aqui, dentro da minha empresa, temos totais condições de fazer a empresa crescer e se manter no mercado	Bernardi (2012), Ferronato (2011)	5,5	1,6
22-Meus empregados conhecem os objetivos da empresa e isso contribui para o bom desempenho operacional.	Maximiano (2008)	5,5	1,7
19-A minha empresa tem uma estratégia clara e definida para concorrer no mercado.	Maximiano (2008)	5,3	1,8
20-Se eu não investir em treinamento para dirigentes e empregados minha empresa poderá “quebrar”	Maçaneiro e Cherobim (2011)	5,2	1,8
21-Se eu contratar uma empresa de consultoria minha empresa terá condições de se manter no mercado por mais tempo	SEBRAE (2013)	5,0	1,6
26-As altas taxas de juros são a principal dificuldade enfrentada pela minha empresa.	Carvalho e Shiozer (2012)	4,9	1,9
28-Os produtos importados, principalmente da China, provocam uma concorrência desleal.	Santos; Silva e Neves (2011) SEBRAE (2014)	4,7	1,9
24-Se minha empresa conseguisse financiamentos estaria em melhor situação financeira e/ou econômica.	Aoki e Badaloti (2014)	4,5	2,0
30-Minha empresa depende muito das políticas governamentais para crescer.	Guerra e Teixeira (2010)	4,5	1,9
27-A concorrência desleal é a principal dificuldade enfrentada pela minha empresa.	SEBRAE (2014)	4,4	1,9
29-Meu contador/escritório de contabilidade contribui muito para o sucesso da minha empresa.	SEBRAE (2013)	4,3	1,9

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Em outras questões da pesquisa comprovou-se que a falta de mão de obra é um dificultador considerado de maior importância que a falta de capital de giro, que por sua vez está ligado diretamente à questão de indisponibilidade de financiamento para o crescimento da empresa. Porém, as MPE apontam a carga tributária elevada como a principal dificuldade enfrentada na condução das atividades empresariais.

Por outro lado, a prática da terceirização das atividades meio da empresa, apurado na revisão da literatura como contributiva para a perenidade das empresas, não foi fator

destacado pelos setores da indústria e prestação de serviços na pesquisa feita.

Fatores externos ao controle pessoal dos dirigentes não foram considerados entre os mais importantes para o sucesso empresarial, tais como uso de capital próprio, investimento em publicidade e propaganda e, acesso a novas tecnologias. Estes obtiveram baixa consideração de que proporcionam a longevidade das MPE, bem aquém da capacidade empreendedora dos sócios.

A pesquisa junto às MPE apontou que a capacidade empreendedora responde pela maior parcela de contribuição para que uma empresa obtenha longevidade. As respostas atribuídas às qualidades pessoais do empresário, como assumir riscos, liderança e criatividade não figuram separadamente entre os primeiros lugares, mas conjuntamente demonstraram ser fundamentais para o bom desempenho empresarial.

5 CONCLUSÃO

No exercício de olhar os dados obtidos na revisão bibliográfica e nos resultados da pesquisa de campo feita é perceptível o papel relevante, no cenário econômico e social, desempenhado pelas MPE no mundo e no Brasil, os inúmeros desafios enfrentados continuamente dificultando o seu funcionamento. Como também, em meio a esses desafios, as oportunidades que tais empresas se deparam e impulsionam os negócios.

A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que este trabalho atingiu os objetivos propostos ao identificar os principais fatores condicionantes à sobrevivência e continuidade de MPE em Bom Despacho/MG.

Cabe ressaltar que uma parcela significativa dos fatores encontrados na pesquisa corrobora boa parte das diferentes abordagens teóricas apresentadas na revisão dos trabalhos dos autores pesquisados.

Além disso, foi possível perceber que o empresário não se sente à vontade para falar da situação financeira de suas empresas, porém ao agrupar as respostas a itens como falta de crédito bancário, problemas financeiros e falta de capital de giro pode-se inferir que o problema financeiro é fator de mortalidade precoce nas empresas.

O estudo feito identificou que os principais fatores condicionantes à continuidade e sobrevivência das MPE de Bom Despacho se iniciam no momento da concepção da empresa. A maioria delas foi fundada com a motivação de seus proprietários de terem o próprio negócio, o que contribui para o sucesso empresarial. O contraponto são as empresas constituídas por necessidade, a exemplo de perda de emprego e renda, motivos esses que não contribuem para a continuidade e sobrevivência das organizações empresariais.

Possuir algum conhecimento a respeito do negócio no momento da abertura das empresas tais como, consciência do investimento mínimo necessário, ideia dos concorrentes e suas estratégias, ou elaborar um plano de negócios, faz parte das práticas de sucesso dos empresários pesquisados, e estão em conformidade com a literatura sobre o assunto. Essas práticas são condições básicas para a entrada no meio empresarial ou adversamente os empresários contariam apenas com a sorte.

Não foi apurado nesta pesquisa que os empresários procuram consultorias para elaboração de planos de negócio em algum momento da constituição de suas empresas, o que constitui o princípio de muitas dificuldades que as empresas enfrentam durante suas atividades, como a concorrência muito forte, baixa disponibilidade de capital, carga tributária muito alta e falta de mão de obra qualificada.

De acordo com os motivos levantados de forma direta pelas respostas da pesquisa, observação não participativa e pelo cruzamento de dados das diversas respostas, foi possível concluir que o sucesso de uma MPE se baseia em: 1) capacidade empreendedora – que agrupa as qualidades do empreendedor, especialmente na persistência na condução dos negócios e sua criatividade para inovar em produtos e serviços; 2) logística operacional – aqui entendido como o uso de capital próprio e os investimentos futuros e acesso a novas tecnologias; 3) habilidades gerenciais – conhecimento do mercado no qual atua, da concorrência, das necessidades dos clientes e uma boa estratégia de vendas.

Além disso, fatores externos ao controle pessoal dos dirigentes não estão entre os mais importantes para o sucesso empresarial, e sim a capacidade empreendedora dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ALLI, A. M.; WINTER, G. S.; MAY, D. L. Globalization: Its Effects. **International Business & Economics Research Journal**. v. 6, n. 1, p. 6, jan., 2007.

AOKI, V. C. G.; BADALOTI, R. M. Dificuldades e perspectivas no acesso de micro e pequenas empresas a linhas de crédito públicas: o caso de Chapecó. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro. v. 48, n.5, p.1305-1327, set./out. 2014.

BERNARDI, L. A. **Manual de Empreendedorismo e Gestão**: Fundamentos, Estratégias e Dinâmicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BOM DESPACHO. **Prefeitura Municipal de Bom Despacho**. Disponível em: <<http://www.bomdespacho.mg.gov.br/>> Acesso em: 16 dez. 2014.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil. Lei Complementar 123**, de 14 de dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm> Acesso em: 10 jul. 2014.

CARVALHO, C. J. de; SHIOZER, R. F. Gestão de capital de giro: um estudo comparativo entre práticas de empresas brasileiras e britânicas. **Revista de administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, art. 2, p. 518-543, jul./ago., 2012.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLLINS, J. C.; PORRAS, J. I. **Feitas para durar**: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COWLING, M.; LIU, W.; LEDGER, A.; ZHANG, N. What really happens to small and medium-sized enterprises in a global economic recession? UK evidence on sales and job dynamics. **International Small Business Journal**, n. 33, p. 488-513, ago., 2015, first published on jan. 13, 2014 doi:10.1177/0266242613512513.

CHRISTENSEN, C. M. **O Dilema da Inovação** – Quando novas tecnologias levam empresas ao fracasso. Itaim-Bibi: MakronBooks, 2001.

EUROPEAN SMEs. **European Commission. European SMEs** – according to Annual Report on European SMEs 2013/2014. Disponível em: <http://ec.europa.eu/growth/smes/business-friendly-environment/performance-review/files/annual-report/infographics_en.pdf> Acesso em: 31 maio 2015.

FERREIRA, C. da C.; MACEDO, M. A. S.; SANT'ANNA, P. R. de; LONGO, O. C.; BARONE, F. M. Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 863-884, maio/jun., 2011.

FERREIRA, L. F. F.; SANTOS, A. dos S. **Mortalidade precoce – uma análise das micro e pequenas empresas de São Paulo**. 2008.

FERRONATO, A. **Gestão Contábil-financeira de micro e pequenas empresas: sobrevivência e sustentabilidade.** São Paulo: Atlas, 2011.

FIGUEIREDO, F. Pequenas empresas e regime diferenciado de contratação. Publicações **cedipre online**. Coimbra. Disponível em: <<http://cedipre.fd.uc.pt>> Acesso em: 13 set. 2012.

GARCÍA-TERUEL; P. R.; MARTÍNEZ-SOLANO, P. **Effects of working capital management on SME profitability.** Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/23528663_Effects_of_Working_Capital_Management_on_SME_Profitability> Acesso em: 05 out. 2015.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, B. C.; NOGUEIRA, G. B. de S.; TORRALBO, J. S. A mortalidade das pequenas e médias empresas: quebra de paradigmas – fatores de sucesso. **Administração Uni-FACEF-** Centro universitário de Franca, v. 2, n. 1, p. 36-42. 2010.

GOULART, I. B. **Grupos, Organizações e Instituições:** Três níveis de análise sociológica da dinâmica organizacional. 2013.

GUERRA, O.; TEIXEIRA, F. A Sobrevivência das pequenas empresas no desenvolvimento capitalista. **Revista de Economia Política**, v. 30, n.1, p. 124-139, jan.-mar. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades.** Minas Gerais. Bom Despacho. IBGE, 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=310740>> Acesso em: 10 nov. 2015.

KRIECK, M. TONTINI, G. **Qualidade de gestão da micro e pequena empresa como fator chave para sua sobrevivência,** 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. Fases da Pesquisa. **In: Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MAÇANEIRO, M. B.; CHEROBIM, A. P. M. S. Fontes de financiamento à inovação: incentivos e óbices às micro e pequenas empresas – estudo de casos múltiplos no estado do Paraná. **Organizações & Sociedade**, v.18, n.56, p. 57-75, jan./mar., 2011.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa.** Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2012_1/elaboracao_questionarios_pesqui_quantitativa.pdf> Acesso em: 15 mar. 2014.

MARTINS, G. J. T.; PEREIRA, M. F. **Longevidade Organizacional:** Estudo em três organizações do setor têxtil de Santa Catarina. 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/604.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2015.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à Administração.** Ed. Compacta – 1. ed. 2ª Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

ORTIGARA, A. Â. **Causas que condicionam a mortalidade e/ou sucesso das Micro e Pequenas Empresas no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2006. 173f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. 2006.

ROCHA, H.. **Pesquisa quantitativa**. 2008. Disponível em:
<<http://www.heliorocha.com.br/graduacao/publicidade/download/MEP/MEPPesquisaQuantitativa.doc>>. Acesso em 15 de junho de 2016.

SALATI, P. Índice de Mortalidade de pequenas empresas caiu pela metade nesse ano.

IBRACON. Instituto Brasileiro dos Auditores Independentes do Brasil. Disponível em:
<<http://www.ibracon.com.br/ibracon/Portugues/detNoticia.php?cod=2336>> Acesso em: 15 fev. 2015.

SANTINI, S.; FAVARIN, E. de V.; NOGUEIRA, M. A.; OLIVEIRA, M. L. de O. RUPPENTHAL, J. E. Fatores de Mortalidade em Micro e Pequenas Empresas: Um estudo na Região Central do Rio Grande do Sul. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.8, n.1, p. 146-169, jan./abr. 2015.

SANTOS, L. M.; SILVA, G. M.; NEVES, J. A. B. Risco de Sobrevivência de Micro e Pequenas Empresas Comerciais. **Revista de Contabilidade e Organizações**. Ribeirão Preto, SP, v. 5, n. 11, p. 108-124, jan./abr., 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil – 2003/2005**. Brasília: Sebrae, 2007.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira**. Brasília: 2014. Disponível em:
<<http://www.sebrae.com.br>> Acesso em: 03 nov. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Anuário das Pesquisas sobre Microempresas**. Brasília: 2012 Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>> Acesso em: 03 nov. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Cenário Econômico e Social**. Brasília: 2014. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>> Acesso em: 26 nov. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Lei Geral da Micro e Pequena Empresa**. Conheça as mudanças, os procedimentos e os benefícios. Brasília: 2007. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>> Acesso em: 03 nov. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Sobrevivência das Empresas no Brasil**. Coleção Estudos e Pesquisas. Brasília: 2013. Disponível em:
<http://www.sebrae.com.br> Acesso em: 03 nov. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Conheça o Sebrae dos Estados Unidos**. Disponível em:
<<http://sites.pr.sebrae.com.br/blogs/2014/05/14/conheca-o-sebrae-dos-estados-unidos/>>
Acesso em: 31 maio 2015.

SILVA, G.; DACORSO, A. L. R. Riscos e incertezas na decisão de inovar das micro e pequenas empresas. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v.15, n. 4, p. 229-255, jul./ago., 2014.

SILVA, W. A. C.; JESUS, D. K. A. de; MELO, A. A. de O. Ciclo de Vida das Organizações: Sinais de Longevidade e Mortalidade de Micro e Pequenas Indústrias na Região de Contagem – MG. **Revista de Gestão**, São Paulo, v. 17, n.3, p. 245-263, jul./set. 2010.

SOIFER, J. **A grande pequena empresa**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

SOUZA, M. C. A. F; MAZZALI, L.; SILVEIRA, R. L. F.; BACIC, M. J. Pequenas empresas industriais de longa permanência no mercado: uma análise a partir da literatura e de evidências empíricas. **Gestão de Produção**, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 157-170, 2014.

UWIZEYEMUNGU, S.; POBA-Nzaou, P.; ST-PIERRE, J. Assimilation patterns in the use of advanced manufacturing technologies in smes: exploring their effects on product innovation performance. *JISTEM - Journal of Information Systems and Technology Management* **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**. v.12, n. 2, p. 271-278, maio/ago. 2015. ISSN on line: 1807-1775 DOI: 10.4301/S1807-17752015000200005.

VIEIRA, M. L. **A Contribuição das Micro e Pequenas Empresas para a Redução da Pobreza no Brasil**. Fortaleza: UFC, 2007, 50f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Economia-MPE) - Curso de Pós-Graduação em Economia-CAEN, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

WORLD BANK. **Doing Business: Measuring Regulatory Quality and Efficiency**. Washington, DC: World Bank. DOI: 10.1596/978-1-4648-0667-4. License: Creative Commons Attribution CC BY 3.0 IGO, 2016.